

EXPEDIENTE

CORRESPONDENCIA

PARA

Caixa postal, 296

OU PARA A

REDACÇÃO

Estabelecimento graphico MIGNON
SÃO PAULO

O AMOR

Semanario Litterario Familiar

NUMERO AVULSO 100 Réis

ATRAZADO 300 Réis

EDITOR

Estabelecimento Graphico

"MIGNON"

SÃO PAULO

ANNO I.

S. PAULO, 24 de Outubro de 1909.

NUM. 2

REDACÇÃO; Travessa do Seminario, 12

Aos nossos leitores

Esperavamos que o primeiro numero d' *O Amor* lograsse agradar o respeitavel publico paulista, mas confessamos que não contavamos com o inegualavel successo que a nova publicação obteve. Sentimo-nos immensamente satisfeitos e encorajados e julgamo-nos na obrigação de agradecer de coração o favor que o publico nos dispensou, exgottando quasi que por completo, a edição do primeiro numero.

O Amor não é ainda o que desejamos que elle seja, de accordo com o nosso programma, mas, não pouparemos esforços para la chegarmos, e estamos certos de o fazer desde que o publico continue a dispensar-nos os seus favores.

O Amor procurará ser sempre instructivo e agradavel, pela publicação de trechos escolhidos na literatura quer do passado quer do presente.

INDICE

Aos nossos leitores - O amor - por E. Castellar - Soneto de Figueiredo Pimentel - A esposa por C. J. de Flaques - Soneto de Claudio Manoel da Costa - Dos Cruces Dr. Garcia Meron - Maximas de amor - H. de uma cabeça historica B. Guimarães - Amor materno por N. D. - Pensamentos - O morgado felhetim - Athalia Para rir - Anjos do Mar por Alvares de Azevedo - Passaro Azul folhetim.

O Amor

Ninguem se livra do amor e do seu imperio. Obedece-lhe na cohesão o atomo que se junta a outro atomo, e obedece-lhe na atracção o corpo que se suspende de outro corpo. E' a vida e a morte; é o reclamo que chama e a guerra que separa. E' o prazer dos prazeres, mistura-lo com a dor das dores. Quando queremos analysal-o, foge rapidamente do nosso exame; não o encontramos em parte alguma, como em nenhum osso, em nenhum nervo, em nenhuma fibra encontramos o espirito que vivifica o corpo; e sentimol-o, como atmosfera indivisivel e impalpavel, rodeando todo o nosso ser e esclarecendo-o com a sua luz e o seu calor fecundante. As forças magneticas que tem o iman para os corpos tem o amor para as almas. Não queirais, repito, examinal-o; quebra-se ao exame do nosso juízo, como se perdem as tenues azas da mariposa ao contacto dos nossos dedos.

Tem mil aspectos e mil tons. Obedece á razão suprema e molesta-o a suprema loucura; illumina-o e cega, vivifica e mata. Muito nos faz padecer, mas preferimos com elle todos os pezares, a ter sem elle todas as alegrias. Filho da luz ama as trevas; publicado pelos olhos, pelos suspiros, pela contracção dos labios, quer o segredo. Perde-se n'uma effusão inconcebivel e chama-se o maior egoismo. No seu seio misturam-se o fogo dos infernos com o ether dos céos. E' a vida, porque é o conjuncto de todos os contrastes, e é o Universo, porque a um tempo destróe e renova. A

alma tem uma alma, que é o amor. Porisso a luz e a alma se parecem, porque a luz tem calor e a alma tem amor. E como o calor vivifica todas as cousas, o amor vivifica todas as ideias. Se o suprimissem, teriam supprimido a estrella no empyreo, e a arte na terra. Se o interrompessem, teriam interrompido a cadeia que liga todas as seres e a perpetuidade e trans-

A ESPOSA

A esposa, eterna companheira do homem, suavisa-lhe com o seu amor todas as amarguras da existencia.

A esposa é a luz bendita que illumina o abysmo da alma do homem, que sem essa luz viveria entre sombra. Quando fatigado pe-

inspirar amor é desfructar mocidade eterna. A mulher de procedimento irreprehensivel recebe ao fim de sua carreira a recompensa; é alegre a sua velhice, porque inspira respeito; a sua velhice é a pagina que resume o livro da sua vida, o epilogo de uma existencia immaculada, duma mocidade casta e pura.

A esposa honrada e intelligente

rodeani. O caracter da esposa, digno sempre, é levantado no lar domestico, é augusto quando a mulher se converte em mãe.

CONCEPCION JIMENO DE FLAQUER.

O BEIJO

Do livro do Amor.

Si o amor é tão difficil de de finir, que diremos do beijo, se não que é a essencia do amor, como o raio pertence á estrella, como o perfume emana da flôr.

Porque constitue o contacto dos labios o supremo favor, porque a boca tocando a boca produz sensações tão differentes daquellas que sente a mão tocando a mão, o pé roçando o pé?

A physiologia ainda não estudou sufficientemente o jogo das fibras sob o ponto de vista do amor.

Quando os halitos se confundem parece que as almas são postas em communicação.

Nas manifestações affectuosas da raça humana o beijo occupa o primeiro lugar.

A mãe que faz saltar, sobre os joelhos, a creança, aperta-a sobre o peito, e, em seguida, beijando-a, nas faces gordas e alegres, assigna o pacto maternal. E' como que um juramento mudo. Ella lhe jura protecção, devotamento e desinteresse.

Emfim, o beijo pertence ao homem só; é o sello posto no pacto do amor.



Soneto

Mulheres que eu amei! No triste cemiterio
Onde enterrados são os mortos verdadeiros,
No sombrio logar de funebre mysterio,
Vossos tumulos fiz á sombra dos salgueiros.

Quando a noite, estendendo o grande véo funereo,
Desce, e fogem do sol os raios derradeiros
Vou chorar onde estaes, no triste cemiterio,
D'um extincto passado os dias prazenteiros.

Morrestes para mim... O meu amor, comvosco
A mortalhei tambem, em cada esquite toco,
A' sombra funeral dos funeraes chorões.

E, nunca, nunca mais, receberá agora
A vehemente paixão que em mim havia outr'ora,
Si sentia pulsar os vossos corações!...

Figueiredo Pimentel

Soneto

Não se passa, meu bem, na noite e dia
Uma hora só que a mísera lembrança
Te não tenha presente na mudança,
Que fez, para meu mal, minha alegria.

Mil imagens debuxa a phantasia,
Com que mais me atormenta e mais me cança...
Pois si tão longe estou de uma esperanza,
Que allivio pôde dar-me esta porfia!

Tyranno foi commigo o fado ingrato,
Que crendo em te roubar pouca victoria
Me deixou para sempre o teu retrato:

Eu me alegrára da passada gloria,
Se quando me faltou teu doce trato,
Me faltára tambem d'elle a memoria!

Claudio Manoel da Costa

missão da nossa vida. É a alma das cousas, o raio tibio da luz, o beijo da estrella, o sopro que levanta a onda, o aroma que exhala o calix da flôr, a faisca de electricidade que serpenteia nas nuvens tempestuosas, o carmin que tinge a face da virgem, o sonho que tolhe a mente, a aza que sustenta a inspiração, o desejo que leva umas almas ao seio d'outras almas, o fogo que sustenta o Universo, a força que junta as cousas no grande todo, a harmonia das espheras, o instincto que reúne os seres. Sem o amor, a ideia não viria visitar as nossas almas; sem o amor, a religião não se levantaria nas margens que juntam a vida com a morte para nos indicarem a eternidade; sem o amor não cantaríamos seu côro immortal as artes immortaes. Amor, abençoado amor!

EMILIO CASTELLAR.

las lutas sociaes e com o coração dilacerado de decepções, o homem volta ao lar domestico, a esposa cicatriza essas feridas, anima-o, fortalece-o, faz-lhe acreditar no bem. A boa esposa é uma compensação a todos os infortunios; a boa esposa é modelo de fidelidade, como o foram Penelope, Pantes, Alceste e Damayante.

A boa esposa é um thesouro de amor como Izabel de Castella, princeza de Gallea; como a mulher de Felippe, o formoso, como Arria Eponina, formosa pelo seu amor conjugal. A boa esposa é sempre respeitada, porque até o homem libertino, passados os primeiros impetos do desenfreamento, tributa considerações a companheira da sua vida, por achar nella a virtude que nas mulheres faceis não encontrou.

Para a boa esposa que sabe fazer-se amar, não existe a velhice,

não terá horas de triste soledade porque julgando como primeiro dos seus deveres fazer-se amar de seu marido, a mansão que hão de habitar juntos, poetisa a mais humilde-vivenda. Em toda casa, por modesta que seja, revela-se o bom gosto e a sensata direcção da mulher a quem está entregue. Por isso o governo da vida interior cabe á mulher, assim como correspondem ao homem os negocios da vida publica. O homem synthetisa as coisas, a mulher detalha-as; aos olhos do homem escapam muitos perfis que a mulher distingue claramente.

Na administração domestica a vantagem-se sempre a mulher ao homem, assim como este a sobrepua em economia politica.

A mulher deve desfructar dentro de casa completa liberdade; se o marido l'ha recusa, desautorisa a esposa perante os que a

Dos Cruces

Llorando males livianos,
Llena de sombras la frente,
Magdalena penitente
Tiene una cruz en sus manos.

Sus ojos desfalecidos
Estan en llanto bañados
Y parecen, entornados,
Mirar sus sueños perdidos!

Pero al sentirla abatida,
Martir que hiere el destino,
Con el simbolo divino
Que la conduce en la vida,

Se duda, si en el delirio
De sus acerbos dolores,
Ve la cruz de sus amores
O la cruz de su martirio.

DR. D. GARCIA MERON

MAXIMAS DE AMOR

O amor quer que todas as armas sejam empregadas na sua conquista.

Aquelle que ama realmente, emprega todas as suas facultades, para conseguir a posse da mulher amada. Os homens brutaes ignoram essas delicadezas.

O perfume usado por uma mulher deve ser muito estudado.

A mulher é uma flor deliciosa e delicada que, o mais das vezes, fenece por falta de cuidados.

BERNARDO GUIMARÃES

Historia d'uma Cabeça historica

III

Era uma noite tenebrosa, horrenda, como essa que ahi vai correndo.

Impetuosa ventania, zunindo pelos tectos da antiga e opulenta Villa-Rica submersa no somno e no silencio, impellia pelos ares camadas e camadas de espessa e frigidissima neblina, e fazendo oscillar sobre seu poste a caveira do martyr da liberdade com sinistro estrepito, agitava-lhe os compridos cabelos castanhos ainda adherentes ao craneo.

Parecia que aquella cabeça heroica, bafejada pelo sopro da liberdade que rugia das montanhas, em seu funebre oscillar ameaçava ainda os tyrannos, e lhes predizia a proxima ruina.

O pallido clarão da lanterna, que balouçava ao vento, ondulava lugubre sobre a ossada branquicenta, deenhando ao vivo as cavidades negras dos olhos e a dentadura amarellada.

O pobre sentinella, talvez considerando que estava de guarda a um cranco resequido que a ninguem podia fazer mal, e que longe de excitar a cobiça só poderia inspirar horror, o sentinella sentado no chão, recostado sobre uma pedra, e com a arma sobre os joelhos, deixava-se furtar do somno.

Um vulto todo rebeuçado surge por entre as trevas, e se aproxima cautelosamente do tremendo poste.

Com uma comprida vara que trazia, faz saltar do poste a caveira, apanha-a rapidamente, e de novo desaparece com o favor das trevas e do nevoeiro.

Tudo isto foi feito com tal presteza, que quando o guarda, despertado pelo som ruído da caveira ao cabir, deu fé do occorrido, já era tarde. Viu apenas uma sombra engolfar-se e desaparecer atravez do nevoeiro.

Um instante depois o relógio da cadeia badalava meia noite.

O guarda contou que um phantasma de fogo, esvoaçando pelos

ares, havia roubado o craneo, e desaparecera nas nuvens.

As sentinellas da cadeia atestarão o facto e o guarda do poste foi acreditado, e não soffreu castigo.

Não era mesmo para acreditar, que o anjo do Brasil viesse reivindicar aquella reliquia veneranda do martyr da liberdade?..

IV

Conheccis essa comprida rua, que na extremidade occidental desta cidade se estende isolada por uma encosta acima, como a cauda de um lagarto.

Chama-se a rua das Cabeças. A origem desso nome sinistro vem de que ahi se fircavão na ponta de estacas as cabeças dos miserios enforcados pelas esquinas dos bécros.

Para servir de exemplo e escarmento aos povos — dizião os tyrannos. —

Mas os factos vierão depois comprovar-lhes, que erravão, procedendo assim.

No alto dessa rua, não ha muitos annos, existia ainda um velho de vida mysteriosa e retrahida, a quem o povo olhava com respeito e curiosidade.

Vivendo sózinho em uma casa quasi arruinada, communicando-se raras vezes com seus semelhantes e só em caso de necessidade, parecia um anachoreta ou um homem possuido de singular monomania.

Entretanto os curiosos, que nunca faltão nas cidades, espiolhando um dia pelas fendas das arruinadas paredes da morada do velho, devassarão um singularissimo segredo de sua vida íntima.

Virão-no abrir com ar de religioso respeito a portinhóia de um nicho ou de um armario practicado na parede, tirar d'elle um craneo humano branco e mirrado, depòl-o silenciosamente sobre uma mesa collocada em frente a um oratorio, e ajoelhando-se depois com os braços encostados sobre a mesa, assim ficar por largo tempo, em attitude de profunda meditação, ou no extasi de uma oração.

Mas esta descoberta, como

bem se pôde vêr, em nada veio dissipar o mysterio que pairava sobre a vida do velho. Pelo contrario vinha ainda rodeal-a de mais um sinistro prestigio, e em vez de acalmar a curiosidade do povo, concorreu para mais excital-a.

Que craneo seria esse, que o velho guardava, e parecia venerar com religioso acatamento?

Seria reliquia de algum ente amado?

Seria o velho algum assassino, que em expiação do seu crime queria ter sempre diante de si o craneo de sua victima para lacerar continuamente a consciencia com o cilicio do remorso?

Seria algum cenobita imitador de S. Jeronymo, que tinha sempre diante de seus olhos uma caveira humana afim de conservar de continuo presente ao espirito o nada da existencia?

A maior parte do povo porém ficou tendo o pobre velho por um grande feiteiro, e por isso tinha-lhe medo e o respeitava.

Assim pois, descobrindo aquelle segredo da vida do velho ainda a torná-lo mais mysteriosa e quasi sinistra.

Pouco tempo depois morreu o velho, foi pobremente enterrado no adro relvado da capella do Senhor Bom Jesus, sita na mesma rua, e sua casa tombando em ruinas, ficou abandonada, pois se já em vida de seu dono era objecto de terror para o povo, muito mais o ficou sendo depois de seu fallecimento.

Não foi senão alguns annos depois, que se veio no conhecimento, de que o velho mysterioso não era outro senão o ousado roubador da cabeça do Tiradentes, e que a caveira, que com tão religioso cuidado guardava e venerava, era a daquelle illustre e desditoso martyr do primeiro movimento emancipator.

Contou depois isto alguém, que era o unico depositario do segredo do velho, e que por ignorancia ou indifferença ligava pouca importancia a um facto tão curioso.

Que é feito porém desse craneo historico, que tão generosos pensamentos abrigou ontr'ora em seu seio?

Quereria seu possuidor em sua fanatica veneração pela liberdade e por aquella reliquia do seu principal martyr, que ella fosse com elle enterrada, e seria cumprida a sua ultima vontade?

Ou ficaria essa reliquia, — digna de ser encerrada em uma urna de ouro, — calcada debaixo dos entulhos das paredes esboçadas da habitação do velho?.. Ninguem o sabe.

Os factos, que acabo de narrar, posto que pouco conhecidos, são tradicionaes.

Perguntem aos velhos, e mesmo a alguns moços mais curiosos, das cousas antigas da nossa terra, e se convencerão de que esta historia não é de minha lavra.

Ouro-Preto, Maio de 1867.

Amor Materno

Palavras sublimes que juntas formam um idioma mystico de candura e affecto, e que cicatrizam as feridas abertas em nossos peitos, e as chagas de nossas almas.

O amor materno é o sentimento mais nobre que existe no mundo, é o unico despido de hypocrisias.

O que nos consola nos momentos de infortunios, não é um osculo santo de mãe? O que mitiga nossas lagrimas nos instantes em que a dôr nos avassalla o coração e a descrença nos estende os braços, não é um sorriso carinhoso e puro desta santa de bondade, deste ente querido que sacrifica pelos nossos passos toda a sua vida?

**

O gorgear dos passaros, o susuro das aguas de um regato, tudo de bello que a natureza nos offerece não se compara com o candido olhar de mãe nem eguallam a poesia pura e sentimental emanada das mil scenas do amor materno!

Descrever este sentimento é tarefa difficilima.

Um Camões, um Castro Alves, um Alencar não seria capaz de fazê-lo com precisão.

No entretanto nós o sentimos grande, immenso, lá no fundo das nossas almas! E chegamos a conclusão de que nenhum affecto é tão puro, é tão sincero, é tão real como o amor materno!

N. B.

Escripto de uma nossa leitora

PENSAMENTOS

O espirito é indulgente, quando o coração é sensível.

SAINT-MARO (Ep. 1.a)

Desconfie de um indiscreto; é pela certa um mau amigo.

CAPELLE

Contra a indigencia um trabalho activo é o remedio.

CAPELLE

A imprensa é a artilharia do pensamento.

RIVABOL

A imaginação é o consolo do presente, e a amiga do porvir.

CAPELLE

Em quanto se odeia muito, ainda se ama um pouco.

MME. DESHOULIÈRES (Genserice)

Quanto mais injusto é o nosso odio, tanto mais é elle forte!

SENECA

A guerra civil é o reino do crime.

P. CORNEILLE

Não necessita graça aquelle que se vê isento de crime.

P. CORNEILLE (Pertharite)

A gloria nunca, está onde a virtude falta.

LE FRANC. (Didon)

O gosto é filho natural da imaginação.

B.

Um bem adquirido sem difficuldade é pouco delicioso; quanto mais houver custado, mais será precioso.

QUINAULT (o phantasma amoroso)

A Fortuna, agitando nos ares suas asas de ouro, faz brilhar seus thesouros, capõe os seus dons e, chamando o Accaso, encarrega-o de distribui-los.

LE TOURNEUR

FOLHETIM

2

HOFFMANN

O MÓRGADO

bre os hombros! não tiveste ao menos a lembrança de tornar habitavel o quarto onde fico todas as vezes que o sr. barão precisa dos meus serviços?

— Desgraçadamente o seu quarto está agora o menos habitavel de todos, replicou Franz, em tom lamentoso. Ha tres dias que o sobrado lhe foi abaixo, tão velho estava.

Meu tio gostava das suas commodidades e poz-se a tiritar como um catavento durante a tempestade. Mas tinha de resignar-se.

— Em tempo de guerra não se limpam armas, disse-me elle. Tratemos de ficar o melhor possivel por esta noite.

— Verdade é que o sr. barão, proseguiu Franz, deu ordem para arranjar outro quarto para o sr. advogado... mas este é muito peor que o antigo.

— Bem! Bem! Caminha adeante de nós, Cerbero velho, e para a outra vez não me deixes á espera, de cabeça ao vento e com os pés metidos na neve.

II

Franz obedeceu de orelha cahida, e guiou-nos ao longo de um corredor, para onde davam salas desmanteladas, em que o vento penetrava, rugindo sinistramente. Do extremo do corredor passamos para uma sala pouco mobilada. Um lume bem acceso brilhava na alta chaminé, e este aspecto deu-nos conforto para esperar a ceia, que Franz foi logo preparar. Depois da refeição, meu tio accendeu uma tigela de ponche, encheu o cachimbo de tabaco e despediu o creado velho. As luzes de duas vellas e os reflexos moribundos do brazido faziam chammejar de mil maneiras caprichosas os ornamentos gothicos da sala.

Pendiam das paredes quadros que representavam caçadas ou combates; ás crepitações

vacillantes do lume as suas figuras pareciam tomar movimento.

Fiz reparo nos retratos de familia, de tamanho natural, que conservavam de certo a recordação dos membros mais notaveis da raça dos Reinsitten. N'um lado da parede estendia-se uma alta e larga mancha branca, que figurava o logar de uma porta tapada a pedra e cal. Não prestei attenção a esta circumstancia, aliás impropria para despertar a minima curiosidade. Tinha a imaginação completamente occupada pelo aspecto selvagem d'aquelle castello arruinado. Deixei-me ficar ao pé do lume enquanto meu tio se estava deitando na alcova contigua, e puz-me a folhear um volume que ali encontrei por acaso. Era o *Visionario* de Schiller, leitura deveras apropriada para um espirito disposto a povoar de phantasmas aquella mansão desconhecida. Havia algum tempo que estava immerso como n'uma serena allucinação, quando me pareceu ouvir uns passos ligeiros mas de desigual cadencia, a atravessarem a sala. Puz-me á escuta, sentiram-se uns gemidos surdos, que pararam, para recommear depois. Julguei ouvir arrastar por traz da mancha branca, que figurava uma porta tapada.

— Não ha duvida, disse commigo mesmo. E' algum pobre animal, cão ou gato, que está fechado do outro lado.

Bati com o pé no chão e escutei. Oh! Terror! A bulha continuava, mas d'esta vez quasi com raiva. Nenhum outro signal de vida. O sangue parou-me nas veias, assaltaram-me as idéas mais incoherentes e fiquei sentado na cadeira, até que afinal a unha mysteriosa deixou de arrastar e os passos recommearam. Levantei-me como impellido por uma mola, e avancei para o fundo da sala que estava immersa nas trevas.

Passou-me de repente pelo rosto uma corrente glacial, e no mesmo instante a lua, apparecendo por entre nuvens, illuminou com tremula claridade uma figura de terrivel aspecto. Vozes mysteriosas murmuraram em redor de mim estas palavras, que pareciam soluços:

— Nem mais um passo! Vaes cair no abysmo do mundo invisivel.

O ruido produzido por uma porta ao fechar-

se com violencia fez estremecer toda a sala. Ouvi perfeitamente alguém correr na galeria, e logo o tropear de um cavallo nas pedras do pateo; a grade da ponte levadiça levantou-se, sahiu uma pessoa e voltou immediatamente...

Era tudo isto realidade ou mero sonho do meu espirito delirante? Enquanto luctava com a duvida senti meu tio suspirar no quarto proximo. Acordaria? Peguei n'um castiçal e entrei: vi-o a debater-se contra a angustia de um péssadello. Agarrei-lhe na mão, sacudi-o, acordei-o.

Meu tio deu um grito abafado, mas, reconhecendo-me, disse-me, com sorriso contrafeito:

— Obrigado, meu sobrinho. Estava a sonhar com este castello e com certas historias que vi succederem aqui mesmo. Mais vale, porém, dormir do que pensar n'isso. Anda, vai-te deitar.

Ao terminar a phrase, puxou a roupa para a cara e pareceu tornar a adormecer. Mas depois de apagar a luz e de ir para o meu pequeno leito, ouvi-o murmurar orações, e, sem saber porque, puz-me a fazer outro-tanto.

No dia seguinte, por volta do meio dia, fomos comprimentar as castellas que Franz, previnira da nossa chegada. As duas senhoras, vestidas á moda do seculo passado, fizeram-me o effeito de caricaturas; estavam carregadas de ouropeis e lantejoulas como um estandarte de egreja. Meu tio apresentou-me, dizendo que eu era um jurisconsulto seu parente, que vinha praticar advocacia em Reinsitten. As duas velhas tinham percebido de certo, apesar dos meus esforços, a vontade de rir que me apertava a garganta.

Com os olhos orlados de um vermelho côr de sangue, o nariz recurvo e a bócca desdentada executaram uma pantomima que não tinha nada de favoravel para mim. N'aquella mesma noite, estando eu sentado em o nosso quarto, com os pés encostados á grade do fogão e o queixo descaído sobre o peito, disse-me meu tio:

— Que feitiço te fizeram desde hontem á noite? Não comes nem bebes, e estás com uma cara de coveiro!..

Entendi que não devia occultar-lhe o motivo d'aquelle mal estar. Ao ouvir-me, meu tio ficou muito serio, e respondeu-me, passado um instante de silencio:

— O que me contaste, parece-me realmente

singular. Vi em sonho o que dizes ter presenciado: um phantasma horrivel arrastar-se até junto da porta que está tapada, e pôr-se a arrastar com tal furia, que os dedos lhe ficaram escalavrados até aos ossos. Desceu afinal ao pateo, tirou um cavallo para fora da cavalleria e tornou a levá-lo para dentro, passado um instante. Eu estava n'este ponto do sonho quando foste acordar-me. Voltando a mim, superei o horror secreto que sempre despertam as minimas relações com o mundo invisivel. Foi de certo uma illusão, quero crer que o fosse, mas diz-me, em todo o caso, se terás animo de esperar a meu lado, esta noite, a visita do espectro, que hontem nos incommodou.

— Sim, de certo que tenho, respondi logo.

— Pois então, fica combinado, replicou meu tio. Se a aventura tiver alguma realidade, rogarei a Deus pela alma penada que volta talvez a implorar o auxilio dos vivos. Seja qual for o resultado que obtivermos, serás testemunho do que vires. Existe um motivo secreto que afasta d'este dominio a maior parte dos membros da familia Reinsitten. Esse segredo quero descobrir-o, e como a minha curiosidade não é criminosa, e só com o fim de fazer bem é que pretendo servir-me da sua revelação, o espirito das trevas não pôde ter sobre nós influencia alguma.

Franz trouxe-nos, como na noite anterior, ceia confortativa e o ponche. Depois de nos servir, retirou-se.

Quando ficamos sós, a lua cheia brilhava na plenitude do seu esplendor; a nortada rugia temerosa na floresta proxima, e de minuto a minuto os vidros da janella gemiam nos caixilhos de chumbo. Quando o relógio, que meu tio puzera sobre a meza, deu a ultima pancada da meia noite, ouvimos perfeitamente a bulha de uma porta abrindo-se no quarto proximo, e recommearam pelo sobrado os passos que eu sentira na noite anterior.

Meu tio empallidecera, mas levantou-se, voltando-se para a parede da sala onde havia a mancha branca semelhante a uma porta tapada. Ouviram-se d'ali a pouco soluços mesclarem-se ao ruido dos passos desconhecidos, e, como na vespera, sentiu-se alguém raspar com furia a parede.

(Continua)

O Cartão de visita

Galante senhora de Courtisols—conheceis os seus graciosos ares de innocencia encouraçado e o seu modo de exclamar: «Mas, senhor, que pretende, emfim?» quando já se lhe tem pedido!—A pequenina Helena de Courtisols foi á feira de Saint-Cloud com a condessa de Ruvemonde. Ellas, duas damas da alta sociedade, a costumadas ao fino galanteio e á delicadeza requintada, entre esta multidão, que se oco-tovella e que vocifera?! E' verdade! E sós, vestindo waterproof e com chapéus de cincoenta francos!.. Parecem costureirinhas que aproveitam o domingo. Um capricho, uma pequena loucura... E como se divertiram!

No dia seguinte, ao almoço, no momento em que se servem de chaux d'oiseau de Corse e os criados lhes deitam nos calices cor de leite dois dedos de Chateaux-iqueim, lembram-se dos pasteis e das fritadas dos improvisados botequins da feira... E riem-se ambas, com muita vontade.

—E' verdade: Quem é aquelle rapaz, que te mereceu tantas distincções? pergunta a condessa de Ruvemonde. Que rapaz? Ora! aquelle... — Ah! Aquelle rapaziño louro que estava perto de nós, quando assistiamos á lucta dos Hercules? — Sim, atraz de ti, quando estavamos de pé, em cima do banco... Pareceu-me que elle te abraçou pela cintura e depois te fallou ao ouvido. — Nem digas isso, Condessa, pelo amor de Deus! Pois eu podia consentir que um desconhecido... Enganaste-te completamente, minha querida. Não me disse nem uma palavra! E bem comprehendes que era impossível que me cingisse...

—Eu não affirmo que te cingisse, mas vi-o retirar as mãos, meio compromettido... — Ah! Condessa! Se elle me tocou, foi para evitar que me amarrotassem a saia...

Tante gente! Garanto-te que não me faltou ao respeito. — Mas levou o respeito até esse ponto...

— Nada de extraordinario. Agradecei ao sr. Gaston Rivelin o seu cuidado e... — Eh! sabes-lhe o nome! Helena de Courtisols não mostrou a menor perturbação.

— Sei. Por um acaso... Hontem, quando me despia, encontrei um cartão de visita...

— No bolso? — Não, responde a imperturbavel innocente: — na minha meia de seda preta, de baixo da liga...

CATULLE MENDES

LE BAISER

GENTIL BERNARD.

Par un baiser, Corinne, étéis mes feux.
— Le voilà, prends! — Dieux, mon âme
(embrasée)
Brûle encore plus... encore un! — Sois
(heureux!)
Tiens... — Mon ardeur n'en peut être apaisée
Corinne, encore... Ah! la douce rosée!
— En voilà cent pour combler tous tes vœux.
Es-tu bien, di? — Cent fois plus amoureux...
Et voilà mille: est ce assez? — Pas encore!
Un feu plus grand m'agite et me devore...
Corinne!.. Eh bien! dis donc ce que tu veux!...

AMOR

O filho de Venus, votado a infancia eterna, nem por isso he hum dos deoses menos poderosos.

O Amor subjogou o universo; tudo cede a seu maligno poder, divindades e creaturas. Sua propria mão foi muitas vezes ferida por suas frechas. O Amor foi adorado com o nome de Cupido, ou antes a mesma allegoria

recebeu de diferentes povos nomes diversos. O Amor he a imagem com que personificão a paixão cega e turbulenta, cujo attractivo he tão grato, cujo resultado he tão doloroso. Se a razão não encadeasse seu delirio feroso, o homem se degradaria por essa perigosa inclinação; os outros animaes, instinctivamente entregues a seus desejos, aprendem da natureza a não exceder-lhe os limites.

Fingirão o Amor menino, por ser a infancia a idade dos caprichos e da imprudencia: puzerão-lhe huma venda nos olhos, por ser ás vezes cego e extravagante em seus gostos, e talvez tambem por não ver os precipicios abertos a seus pés. São suas azas o emblema de sua inconstancia e leviandade: annuncião suas frechas as feridas que seguem seus prazeres impruden-

aos degrãos da throno de Proserpina supplicai-lhe que lhe tirasse parte de sua belleza e prendê-la em uma boceta que seria guardada pela deosa. Ella alcançou este favor, que foi pouco depois revogado. O Amor, desesperado, rogou a Jupiter que convocasse os deoses, os quaes decretarão a Venus que consentisse neste casamento. Mercurio transportou Psyché para o céo. Mulher do Amor, acolhida entre os deoses, foi dotada de immortalidade.

DOLORA

(Francisco Octaviano)

Quem passou pela vida em branca nuvem,
em placido repouso adormeceu;
quem não sentiu o frio da desgraça,
quem passou pela vida e não soffreu,
foi espectro de homem, não foi homem,
so passou pela vida e não viveu.



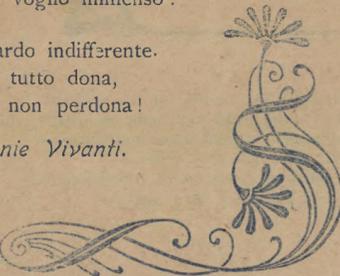
DELIRIO DEL CUORE

Egli mi disse: «Addio. Oggi e in eterno
Si disgiungon le vie che noi seguivamo.
S'io ti rivegga mai, sia nell'inferno!»
Ed io gli disse: — T'amo!

E voglio l'amor tuo; l'intero, ardente,
Illimitato amore, o l'odio intenso.
Ma sia l'odio o l'amor, lo voglio immenso!

Io non supporto un guardo indifferente.
L'amor que tutto soffre e tutto dona,
O l'odio che non piega e non perdona!

Annie Vivanti.



UMA RECORDAÇÃO

Lembra-me ver-te inda infante,
Quando nos campos corrias
Em folgedos palpitante;
Eras bella! e então sorrias.

Depois, na infancia eras inda,
Junto ao cadaver rezavas
De tua mãe, com dor infanda;
Eras bella! e então choravas.

Num baile viste valsando
Da juventude nos dias,
Todos de amor-fascinando;
Eras bella! e então sorrias.

Dias depois encontrei-te;
Nos céos os olhos fitavas;
Sem me vêres contemplei-te;
Eras bella! e então choravas.

Quando ao templo caminhando
Entre flores e alegrias,
De esposa a vida encetando,
Eras bella! e então sorrias.

Quando na campa do esposo
Com teu filho ajoelhavas,
Grupo innocente e saudoso!
Eras bella! e então choravas.

Num атаúde deitada
Eu te vi em breves dias,
Mimosa flôr desfolhada!
Eras bella! e então sorrias.

Sorrindo, na vida entraste,
Sorrindo deixaste a vida,
Alguma flôr que encontraste
A espinhas a vida unida.

Sim, ás vezes tu sorrias,
E os sorrisos o que são?
Quasi sempre prophcias
Das penas do coração.

JULIO DINIZ

Amor e Dever

Olhei-te uma vez . . . olhaste
Sorri-te depois . . . sorriste
Fallei-te de amor . . . coraste
Pedi-te um beijo . . . fugiste!

E o amor dizia . . . erraste!
Dizia o dever . . . resiste.

Olhaste depois . . . olhei
Depois sorriste . . . sorri
E o que te disse? . . . não sei
Poiém afinal . . . cedi.

E o amor dizia . . . ganhei
Dizia o dever . . . perdi.

DEUS

Quem diz DEUS, diz um oceano
infinito de toda perfeição. Todos
os seus attributos divinos são
sem limites. Sua immensidade
ultrapassa tudo, sua eternidade
domina todos os tempos: os se-
culos nada são deante d'elle.

Si perguntardes o que elle é,
impossível ser-vos ha a resposta.



Die Liebe

Es stnret Blüthen jedes Jahr
Der Lenz auf allen Wegen,
Bringt Rosen dir zur Gabe dar
Und holder Liebe Segen.
Da lass die Sorgen all' vorbei
Und schuetze die zarten Triebe:
Ach! Einmal blüht im Jahr der Mai,
Nur einmal im Leben die Liebe!

Ist der susses Duft verhaucht,
Die rothen Rosen sterben,
Du sieh'st was sonst in Glueck getaucht,
Nach kurzem Traum verderben.
Dann ist's als ob in's Herz die Reu,
Mit brennenden Lettern schriebe:
Ach! Einmal blüht im Jahr der Mai,
Nur einmal im Leben die Liebe!

Ist dereinst dein Haar erbleicht,
So wirst du oftmals klagen
Um ein vergang'nes Glueck,
Vielleicht aus fernem Jugend Tagen
Wohl hast du einmal froh und frei
Gedacht, dass es stets so bliebe.
Ach! Einmal blüht im Jahr der Mai,
Nur einmal im Leben die Liebe!



Uma Festa

— Meus senhores com licença dos
presente vou brindar as tres inicial:
o O, o D e o M... O O é seu Ozebio
que arrecebeu hoje em sua sumtuosa
mansarda os seus miorez amigos; o D
é Donana, tambem miúde do seu Oze-
bio; o M é a Menina Amelia, fia de
ambos os dois e que faz anno hoje.

Hip! hip! hurrah!!! E digo que não
podia ser sinão em casa do Bastos, na
Cascaadura, porque é a especialidade da-
quelles brodios. No ultimo jantar que
lá houve, as saudes foram impagaveis.
Os oradores succediam-se sem inter-
rupção, no furor dos brindes, com uma
avalanche de discursos cuja phantasiosa
rhetorica e extravagante grammatica
demonstrava o estado psychologico re-
sultante da combinação excessiva do
palheta com o bastardinho. Por fim não
havia mais a quem brindar, mas como
os vinhos não acabavam, um sujeito
levanta-se e faz a saude do mundo in-
teiro. Um gaiato responde-lhe, agrade-
cendo em nome do mundo, ao qual
tem a honra de pertencer; e aproveita
a oportunidade para saudar, como re-
presentante do mundo, áquelles que já
não mais pertencem a este mundo, aos
mortos. E põe-se a lembrar os nomes
dos defuntos, parentes e amigos das
pessôas presentes. Alguns verteram la-
grimas, porquanto os bebados, como as
mulheres, tem uma enorme facilidade
em chorar. (Entre parenthesis: na mi-
nha villa natal, Lençóes, havia um sujei-
to por nome Messias, a quem o vinho era
essencialmente lacrimoso; os vapores
alcoolicos actuavam-lhe immediatamen-

te sobre as glandulas do pranto; porém
tinha ao mesmo tempo um tic de ner-
voso de incommodas consequencias:
abraçava os amigos, banhado em lagri-
mas, mas serrava-lhes o dente nas ore-
lhas). Concluido o brinde aos defuntos,
fez-se um longo silencio. Por fim ergue-
se um conviva de copo em punho: —
Meus senhores, ninguem se lembrou
ainda de fazer a saude de um homem
que é o premeiro homem do mundo,
porque si não fosse elle, nós não estava
aqui nos advertindo e fôrgando... Bebo
á saude de quem inventou o de comê!
Oh! que delirante ovação acolheu essas
palavras! Fluiram novas ondas de bas-
tardinho e de palhefa. Reataram-se os
brindes, pela lembrança do de comê.
Saudou-se ao inventor do de bebê, ao
descobridor do doce de côco, da gallinha
de cabidella, do vinho virgem, etc. E
finalmente, um pandego deu um viva á
mulé, cousa miúde de tudo!

URBANO DUARTE.



Intermezzo

(H. HEINE)

Sonhando, chorei, querida,
Fois morta te estava a ver;
Acordei: senti o pranto
Por minhas faces correr!

Sonhando, chorei, pois via
Que tu me querias deixar;
Acordei: depois fiquei,
— Amargamente a chorar.

Sonhando, chorei, pois inda

Teu amor julgava ter;
Acordei: correu-me o pranto
E ainda sinto-o correr...

J. OLYMPIO.



Amazonas

Mythologia

Povo fabuloso de mulheres
que habitavam nas margens do
Thermodon, na Capadocia. Di-
zem que expunham os seus fi-
lhos homens, e queimavam o
seio direito para, mais facilmen-
te poderem manejar o arco. Ci-
tam-se entre ellas, diversas rai-
nhas celebres: Antiope, que guer-
reou Theseu e foi vencida sobre
a ponte do Thermodon, Penthe-
sile, que, soccorrendo os troyanos,
foi morta por Achilles, que cho-
rou sobre o seu cadaver a sua
belleza. Thomyris que fez pere-
cer Cyrus. Thalestris que visitou
Alexandre.

Os modernos julgaram encon-
trar nações semelhantes, na A-
merica Meridional, habitando as
margens de um grande rio ao
qual deram o nome de rio das
Amazonas e que é hoje o Ama-
zonas, rio brasileiro, o maior do
mundo.

A bella Angelica

Uma das mais graciosas he-
roinas de Rolandio furioso, de
Ariosto, typo poetisado da mu-
lher, offerecendo um contraste
com a bellicosa Marphire e a
orgulhosa Bradamante.

E' o typo da mulher capri-
chosa e terna, debil e forte ao
mesmo tempo, desprezando as
homenagens dos mais valorosos
paladinos para se enamorar de
Medor, desconhecido para ella,
mas cujos infortunios acordaram
a sua generosidade.

A MULHER

Por absoluta falta de espaço deixa-
mos hoje de publicar o começo da his-
toria «A Mulher».

Tambem somos forçados de deixar
para o proximo numero a continuação
de «As Mulheres» — do Visconde de
Segur, pelo que pedimos desculpas aos
nossos leitores.

ATHALIA

Rainha de Juda, filha d'Achab e de Jesabel, celebre por seus crimes e sua impiedade. Desposou Joram, filho de Josaphat. Pela morte de Ochosias, seu filho, subiu ella ao throno ap.º ter feito perecer os filhos desse rei, a excepção de Joad que o magno Sacerdote recolheu, e restabeleceu sobre o throno.

Essa rainha perversa foi massacrada pelo povo 900 annos antes de Christo.

Racine escreveu uma tragedia, Athalia, que é, no dizer de Voltaire, a obra prima do espirito humano.

Essa tragedia foi composta para as demoiselles de Saint-Cir, a pedido de Mme. de Maintenon.

Eis alguns versos dessa famosa obra:

Celui qui met un frein à la fureur des flots
Sait aussi les méchants arrêter les complots.

Apprenez, roi des Juifs, et n'oubliez jamais
Que les rois dans le ciel ont juge sévère,
L'innocence un vengeur, et l'orphelin un
père.

Le bonheur des méchants comme un torrent
s'écoule.

C'était pendant l'horreur d'une profonde
nuit,
Dont elle eut soin de peindre et d'orner son
visage,
Pour réparer des ans l'irréparable outrage.

Para rir:

Em redor de uma mesa de baccarat,
em casa de jogo.

Um sujeito gordo e afogueado, chama
pelo criado: — Que horas são? —
Um quarto depois da meia noite. —
Com mil diabos!.. e a minha mulher
que está a minha espera para almoçar.

Apresentou-se uma mulher em uma
botica e perguntou pelo boticario. —
Sou eu, disse este. — O senhor fa-
z-me o favor de preparar esta receita,
que é para meu marido, que está
doente? O boticario consultou a phar-

macopéa, compoz o remedio e entre-
gou-o a mulherzinha. — Custa-lhe dous
mil réis. — Dous mil réis! exclamou
a mulher. Nesse caso guarde-o. Póde
muito bem ser que quando eu chegue
a casa já o homem esteja morto.

o filho estudava. O director, interrogado
sobre o procedimento do rapaz, respon-
deu:

— Sou forçado, infelizmente, a de-
clarar-lhe que seu filho faz novas dia-
bruras todos os dias. Ainda hontem, por

vergonhados, pobres que envergonham
e pobres sem vergonha.

**

Um bilontra pilha um gatuno imberbe
mettendo-lhe a mão no bolso.

— Oh! tratante, tão pequeno e já
ladrao?

— E o senhor? tao pelintra e sem
um vintem!

**

Quantas são as virtudes theologaes?
— Tres: saude, paz e dinheiro. —
Quantos são os inimigos da alma? —
Nenhum. — E as inimigas? — Qua-
tro: a mulher, as riquezas, a politica
e as sogras.

**

Ao pé da pia baptismal, na igreja
de... desta cidade:

O illustrado sacerdote:
— Como se chamará a criança? —
Eurydice. — E' menino ou menina?
Que nome tão exquisito!!

**

Em um jantar: — Então? que é fei-
to dos miolos do leitão? O creado,
meio atrapalhado. — Não os tinha,
minha senhora, era idiota.

**

Uma senhora, tendo de ir a um bai-
le, calçou uns sapatos de setins, e co-
mo lhe apertassem os pés, disse per-
to da creada, na occasião de sahir:
«Ah sapatos!» Quando voltou do bai-
le, a creada, apresentou-lhe para a
ceia dous patos assados. Quem te
mandou fazer isso? perguntou-lhe a
senhora. — Pois V. Ex. quando sahio
não disse — Assa patos?!

**

Um pensamento amargo de Chate-
aubriand:
— Os cães, como os homens, são mui-
tas vezes punidos pela sua fidelidade.

**

Hespanholadas galantes:
Que lindos que são os olhos da mi-
nha noiva!
E os da minha! São mais bellos
ainda! — Não serão tão negros.
— Ora essa! até me servem de tin-
teiro.
— Mas não serão tão grandes.
— Olha! as meninas dos olhos da
tua noiva são meninas. Pois as meni-
nas dos olhos da minha são mulheres.

**

Anjos do Mar

As ondas são anjos que dormem no mar,
Que tremem, palpitam, banhados de luz;
São anjos que dormem a rir e sonham,
E em leito d'escuma revolvem-se nús!

E quando de noite vem pallida a lua
Seus raios incertos tremer, pratear,
E a trança luzente da nuvem fluctua,
As ondas são anjos que dormem no mar.

Que dormem, que sonham — e o vento dos ceus
Vem tépido á noite nos seios beijar!
São meigos anjinhos, são filhos de Deus
Que ao fresco se embalam no seio do mar!

E quando nas aguas os ventos suspiram,
São puros fervores, de ventos e mar;
São beijos que queimam... e as noites deliram.
E os pobres anjinhos estão a chorar!

Ai quando tu sentes dos mares na flor
Os ventos e vagas gomer, palpitar,
Porque não consentes, n'um beijo de amor,
Que eu diga-te os sonhos dos anjos do mar?

Alvares de Azevedo.

Numa Secretaria de Estado:
O chefe da repartição para um
amanuense, que passa oito dias segui-
dos, e mais, sem assignar o ponto: —
V. S. deve saber, meu caro, que a
pontualidade é a delicadeza dos reis.
Sei muito bem: mas é que eu sou
republicano!

Um camponez foi ao Collegio em que

um triz, que não matou um dos seus col-
legas. Tal desprezo pela vida de nossos
semelhantes indica máos instinctos, e
eu não sei o que será delle...
— Não se incomode, interrompeu
o pai, eu distino-o para medico.

Perguntaram a um philosopho quan-
tas classes de pobres havia.
— Tres, respondeu elle: pobres en-

FOGLIETIM

2

O PASSARO AZUL

CONTO

No em tanto a rainha, que queria grangear
a estima d'el-rei Attractivo, mandou-lhe ricos
e soberbos vestidos talhados e feitos á moda
do paiz, e juntamente a ordem dos Cavallei-
ros d'Amor, que ella obrigara seu augusto
consorte a instituir no mesmo dia de suas
bodas. Era um coração d'ouro esmaltado de
côr rubra, cingido de varias setas, e traspa-
sado por uma d'ellas, com esta letra: *Pere-me
uma só.* A rainha tinha mandado talhar para
el-rei Attractivo um coração de tamanho d'um
ovo de abestruz. Cada flecha era um só dia-
mante, e tão comprida como um dedo. A ca-
deia que sustinha esse coração era de perolas.
Emfim, des que o mundo é mundo ninguém
viu obra tão maravilhosa.

El-rei Attractivo, quando a olhou, ficou
tão admirado que nem uma só palavra pôde
articular. O criado que lh'a deu apresentou-lhe
tambem um livro, cujas folhas erão de pergam-
inho com miniaturas admiraveis, e a capa
era de ouro engastada de pedras preciosas.
Os estatutos da ordem dos Cavalleiros d'Am-
or, estavam n'elle escriptos em estilo mui terno
e galantissimo. Disse-lhe o sobredito criado
que a princeza em quem pozera a vista lhe
rogava quizesse ser seu cavalheiro, e que para
isso lhe mandava aquella presente. Attractivo
quando ouviu estas palavras, julgou virem
d'aquella que elle tanto amava, e exclamou:
«E' possível que a princeza Florinda seja tão
generosa e insinuativa para commigo? —
Advirto, senhor, voiveu-lhe respeitadamente
o domestico, que eu venho da parte da for-
mosa e amavel princeza Trutona, e não da de
Florinda. — E' pois Trutona que me pede seja
o seu cavalheiro? replicou el-rei, fria e se-
riamente: oh! impossivel me é aceitar essa
hona. Um soberano não pode tomar certos
empenhos. Eu não ignoro as obrigações d'um
cavalheiro, bem quizera desempenhal-as, mas

prefiro recusar a graça que ella me offerece,
que tornar-me indigno da mesma graça.»
Tendo assim fallado, entregou ao domestico
a cadeia e o livro no açafate em que estevão,
e recambiu uma e outro á rainha, a qual
por pouco não estalou de raiva com sua filha,
vendo ambas o modo desprezivo com que um
rei estrangeiro recebera tão particularissimo
favor.

Attractivo foi, no dia seguinte, ao aposento
d'el-rei e da rainha, julgando achar n'elle sua
querida Florinda; mas por mais que o corria
com os olhos, não a deparava: essa falta in-
quietava-o e entristecia-o. A maligna rainha
assás conheceu o que se passava no coração
d'el-rei Attractivo, mas dissimulou. Ella só lhe
fallava de divertimentos, porém elle estava
distrahido, té que a final perguntou-lhe pela
princeza Florinda. «Senhor, respondeu-lhe com
arrogancia a rainha, el-rei seu pae prohibiu-lhe
sahir da sua camara, em quanto minha filha
não contrahir esposorio. — E por qual mo-
tivo, acudiu Attractivo, jaz reclusa essa linda
senhora? — Não sei, tornou-lhe a rainha; e
inda que o soubesse, excuso dizel-o a V. M.»
El-rei estava summamente irritado, lançava a
Trutona uma vista atravessada; e reflectia
entre si que por causa d'esse monstrosinho
é que elle não tinha o gosto de ver a prin-
ceza. Elle deixou promptamente a rainha, por-
que sua presença aborrecia-o.

Quando Attractivo voltou á sua camara,
disse a um joven principe que o acompanhara,
e a quem muito amava, desse uma forte som-
ma de dinheiro á criada grave de Florinda,
afim que elle podesse fallar a esta princeza.
O dito principe assim o fez, e a tal criada-
grave respondeu-lhe duas horas depois, que
n'essa mesma noite Florinda chegaria a uma
janellinha baixa que deitava para o jardim,
e que por ella poderia el-rei Attractivo fallar-
lhe; com tanto que fosse com grande cautela;
pois se el-rei e a rainha tal soubessem, ac-
rescentou a criada, mandavão-me matar. Con-
tentissimo o joven principe de ter alcançado
o que Attractivo tanto desejava, correu a
annunciar-lhe tão boa nova, e juntamente a
hora em que devia fallar á princeza. Todavia
essa má confidente foi dar parte á rainha do

que se passava, e receber suas ardens a esse
respeito. Ella resolveu mandar sua filha á
pequena janella, depois de repetir-lhe muitas
vezes o que havia de dizer a el-rei Attractivo.
Esta precaução foi necessaria, porque Trutona
era naturalmente estúpida.

Era a noite tão escura, que impossivel foi
a el-rei Attractivo conhecer o engano que lhe
fazião, de sorte que chegando contentissimo
á janella, disse a Trutona o que dizer devia
a Florinda para inteiral-a do amor que lhe
tinha. Aproveitando Trutona essa conjunctura,
disse-lhe que se avaliava summamente infeliz
em ter uma madrastra tão cruel, que a ator-
mentaria té que sua filha casasse. Attractivo
asseverou-lhe que se ella o queria por esposo,
de bom grado repartiria com ella sua corôa
e seu coração. Ditas estas palavras tirou o
seu anel do dedo, enfiou-o no de Trutona,
acrescentando ser o mesmo anel um penhor
da sua fé, e que ella Trutona não tinha mais
do que designar-lhe a hora para partirem
ombos com toda a celeridade. Trutona res-
pondeu o melhor que pôde a este desejo
d'el-rei Attractivo. Elle bem advertiu que as
palavras de Trutona não erão coherentes,
mas attribuiu isso ao temor que ella sentia
de ser surpreza pela rainha. Attractivo despe-
diu-se pois da fingida Florinda, promettendo-lhe
tornar a fallar-lhe no mesmo logar e á mesma
hora em a noite seguinte.

Sabendo a rainha o successo d'este noc-
turno colloquio, agourou feliz exito á sua
empreza. Com effeito, ajustado o dia, el-rei
Attractivo veio buscar a disfarçada princeza
para conduzil-a n'uma berlinda voadora pu-
xada por rãs com azas. Certo encantador amigo
seu, tinha-lhe feito esse presente. A noite era
escurissima. Trutona sahio misteriosamente
por uma portinha, e el-rei que a esperava,
recebeu-a nos braços e jurou-lhe fidelidade
eterna. Como elle porém não tinha vontade
de voar longo tempo na sua berlinda sem
esposar a princeza a quem amava, pergun-
tou-lhe onde queria que as bodas se celebra-
sem. Ella respondeu-lhe que tinha por madri-
nha uma fada por nome Arminda, a qual era
muito celebre, e que por tanto desejava ir ao
seu palacio. El-rei não sabia o caminho do

Quem são aquelles que encontram
alegria no pesar?

— Os que vendem a peso.

**

— Tu levas uma vida ruim, meu filho,
correndo atraz de todas as moças.
— A culpa não é minha, meu pae!
— Como é que não seria tua a culpa?
— A culpa têm ellas de não ficarem
paradas.

**

No regulamento de um cemiterio
municipal do interior lê-se este artigos
«Sem prévia licença das autoridade:
não serão sepultados no cemiterio de-
funtos residentes em outros municipios.»

**

Certo padre convidado
p'ra uma reunião,
viu as damas decotadas
e fez careta o ratao.

Os seios, os hombros nús,
viu o padre e estremeceu,
apromptou-se para sair,
foi buscar logo o chapéu.

Vae-se embora *sor Prior?*
foi-lhe um homem perguntar,
— vejo as damas já despidas,
— talvez se queiram deitar.

Verdades...

Um homem nunca fica verdadeira-
mente curado de uma mulher senão
quando chega o dia em que nem mes-
mo tem a curiosidade de saber com
quem ella o esquece.

**

A unica cura para o amor é não
amar absolutamente, do mesmo modo
que a unica cura para a morte é con-
tinuar a amar.

**

No hay clases bajas, lo que hay es
hombres bajos, que se encuentran has-
ta en las clases mas elevadas.

Accetamos collaboração.

Estab. Graphico Mignon
ESPECIALIDADE EM TRABALHOS
Artísticos e Commerciaes
Travessa do Seminario, 10

tal palacio, mas disse as rãs que o levassem
lá, e como ellas conhecião o mapa geral do
universo, brevemente transportarão el-rei At-
tractivo e Trutona á morada d'Arminda.

Erão tantas as luzes que allumiavão o
palacio, que ao entrar-o, el-rei conheceria o
engano, se Trutona não se cobrisse bem com
o véo. Ella dirigiu os passos ao camarim da
sua madrinha, fallou-lhe em particular, decla-
rou-lhe ter illudido el-rei Attractivo, e rogou-
lhe o apaziguasse. «Ah! minha filha! respon-
deu-lhe a fada, isso não será facil: elle ama
muito Florinda, e agastar-se ha contra nós.»
Entretanto el-rei esperava-as n'uma sala, cujas
paredes erão de tão claros e nitidos diamantes,
que elle viu pelos mesmos Trutona e Arminda
conversarem. Julgando isso um sonho, exclamou:
«Armário-me acaso uma traição? E os de-
monios conduzirão aqui esta inimiga do nosso
reposo? Vem ella perturbar o meu consor-
cio? Minha querida Florinda não apparece!
Seu pae seguiu-a talvez? Mil affligidoras ideias
occupavão então a mente d'el-rei Attractivo,
mas a sua dôr augmentou quando ellas en-
trarão na sala, e Arminda lhe disse em tom
absoluto: «Rei Attractivo, eis a princeza
Trutona, á qual V. M. deu sua fé: Ella é
minha afilhada, e eu desejo que V. M. a es-
pose logo. — Eu! exclamou elle, eu hei de
esposar esse monstrosinho! Vm. avalia-me
d'um caracter bem docil, pois me faz taes
proposições. Saiba que eu nada lhe prometti,
e se ella disser o contrario, men... — Não
acabe V. M., acudiu Arminda, nem seja assás
atrevido para fallar-me ao respeito. — A
minha intenção, replicou el-rei, é respeit-a-
tanto quanto a sua prerogativa de fada o re-
quer; mas justo é tambem que Vm. me
restitua a princeza. — E eu não o sou, perjuro?
disse-lhe Trutona mostrando-lhe a seu anel.
A quem deu V. M. esse anel em penhor da
sua fé? A quem fallou V. M. ao pé da janel-
linha, não foi a mim? — Ah! exclamou At-
tractivo, agora conheço que fui enganado!
Ora pois, minhas rãs minhas rãsinhas; eu
quero partir já, já.

(continua)